

A CASA TOMBADA

Lugar de Arte, Cultura e Educação

FACONNECT

ONDE VOCÊS ESTÃO?

Caminhos das crianças nas redes sociais

KATIA KEIKO MATUNAGA

Trabalho realizado sob orientação de Adriana Friedmann, em exigência parcial, para obtenção do certificado de especialista, como concluinte do curso de Pós- Graduação Lato Sensu "A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis"

SÃO PAULO

2020

RESUMO

Encontrar a melhor forma de conduzir as relações entre a tecnologia e a infância tem sido um grande desafio. Para refletir sobre essa questão, me propus a observar e a ouvir as próprias crianças e procurei adentrar nesse mundo de cliques, likes, blogueirinhas, youtubers, tiktokers, instagramers. Durante alguns encontros em que pude conversar e observar as crianças navegando pelas redes sociais, busquei responder a questões como: Como é a relação que as crianças, a partir do modelo dos seus pais (ou não) criam com as redes sociais e com a exposição nelas? Como está o acesso das crianças às redes: há controle, como? O que elas estão consumindo nos meios digitais? Que tipo de orientação os pais dão (ou não) aos filhos? Quais são as ferramentas de controle parental utilizadas? Nesse caminho, me deparei com vasto universo desconhecido e pude refletir sobre o papel do adulto diante desse mundo novo, porque tratamos de algo que não nos pertenceu na nossa infância. Durante essa pesquisa, para analisar e refletir sobre os dados coletados, dialoguei com alguns autores, da antropologia, filosofia e psicologia, entre eles Adriana Friedmann, Julieta Jerusalinsky, William Corsaro, Byung-Chul Han.

PALAVRAS-CHAVE: Infância. Tecnologia. Redes sociais. Antropologia.

ABSTRACT

Finding the best way to conduct the relation between technology and childhood has been a big challenge. In order to think about the matter, I have decided to observe and listen to children and I have tried to get into this world of clicks, likes, little bloggers, Youtubers, tiktokers and instagramers. While having the meetings, I was able to talk with the children as well as observe them "surfing on the web". I tried to find some answers to questions such as: What is the link between children and net? (based on their parents' model or not), To what extent are they exposed to it? How about children's access to the net? Is there any control? If so, how is it done? What guidelines do parents give (or not) to their children? What tools do parents use to control their children? Along the way I could face that vast unknown universe and I could also think about adults' role towards that new world. We are dealing with something that was not part of our childhood. The study gave me the chance to analyze and think about the collected data, based on the talks I had with some anthropology, philosophy and psychology authors such as Adriana Friedmann, William Corsaro, Franco Berardi and Byung-Chul Han.

KEYWORDS : Childhood. Technology. Social web. Anthropology.

SUMÁRIO

Onde vocês estão - Caminhos percorridos por crianças nas redes sociais	
RESUMO	2
ABSTRACT	3
SUMÁRIO	4
Agradecimentos	5
Dedicatória	6
MEMORIAL	7
INTRODUÇÃO	16
PANDEMIA DE COVID 19 - UMA PEDRA NO MEIO DO CAMINHO	21
IR A CAMPO, UMA EXPERIÊNCIA NOVA	23
CAPÍTULO 1 - O GRUPO E A METODOLOGIA: UMA PEDAGOGA NOS CAMINHOS DA ANTROPOLOGIA	25
1.1 QUE CAMINHOS PERCORRER E COMO?	26
1.2 O TERRITÓRIO ESCOLHIDO:	27
1.3 ENFIM, MEU GRUPO	30
CAPÍTULO 2 - A DIVERSIDADE DAS REDES E O LUGAR DOS ADULTOS	32
2.1 DIGA-ME EM QUE REDE NAVEGAS E TE DIREI QUEM ÉS!	34
2.2 O LUGAR DOS ADULTOS NA TRAMA DAS REDES SOCIAIS	37
CAPÍTULO 3 - ONDE VOCÊS ESTÃO?	41
3.1 O TEMPO, O ESPAÇO, OS CONTEÚDOS NAS REDES SOCIAIS	41
3.2 NAVEGAR À DERIVA	48
CAPÍTULO 4 - REFLEXÕES, CONCLUSÕES E NOVAS PERGUNTAS	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54
ANEXO - UM PEQUENO GLOSSÁRIO	56

Agradecimentos

Aos meus pais, Hideo e Madalena e aos meus irmãos, Fábio e Flávio, pela infância de brincadeiras, canções e histórias que trago comigo até hoje.

Ao meu filho, João Pedro, por tudo que me ensina, e por me encorajar a desbravar novos caminhos sempre.

Ao Silvio, meu companheiro na jornada da vida, pelo amor, pelo apoio, pela confiança e pelas trocas enriquecedoras.

À Adriana Friedmann, orientadora desse trabalho, amiga de longa data e mestra, pela forma como ampliou nossos horizontes, nos conduziu nesses dois anos de pós graduação e por possibilitar a escrita deste trabalho.

À equipe da Escola Viva, com quem nos últimos anos venho construindo um trabalho escolar que respeita a cultura das infâncias.

Ao Lar da Crianças da CIP, e em especial a Clara Americano Grillo, que me abriu as portas tão generosamente para que essa pesquisa pudesse ser realizada.

À Josefina Paulon, pela escuta e pela voz, que desde 2009 me ajudam em tantas construções.

Às crianças que se disponibilizaram a me contar sobre suas relações com e nas redes sociais. Sem elas nada disso teria sido possível.

Às minhas companheiras da pós graduação, e a todos os professores do curso, por todas as trocas genuínas e generosas, por todas as emoções e aprendizados vividos e compartilhados ao longo dos últimos dois anos.

Dedicatória

Dedico esse trabalho ao João Pedro, meu filho, que mudou minha vida de maneira irreversível, com quem tenho aprendido todos os dias sobre escuta, sobre coragem e determinação e sobre o amor.

MEMORIAL

Quem sou eu e de onde falo

Vivi uma infância de brincar na rua, com vizinhos, com primos. De muitas relações pessoais e presenciais. Desse período da vida trago na memória do corpo e da alma, momentos de encantamento no faz de conta, ouvindo histórias, trago músicas e melodias, as de criança e as que meus pais gostavam de ouvir e cantar, lembro de bonecas, de panelinhas, de sabores e cheiros. Tive amigas e amigos de infância, que até hoje são referenciais de afeto. Tenho dois irmãos com quem dividi as dores e delícias desse tempo.

Fui para minha primeira escola aos 4 anos. Era uma escola de bairro. Lembro de um quintal em que brincávamos e de uma professora chamada Tia Marília. Eu imaginava que o nome da minha professora era assim: Tia Marília, como um nome composto. Tia Marília morava perto da minha casa e lembro como ficava feliz quando eu passava de carro em frente a casa dela. Todas as vezes em que isso acontecia, eu dizia "Olha a casa da Tia Marília". Depois de um tempo isso virou uma brincadeira e quando passávamos em frente à casa dela disputávamos para ver quem ia falar a célebre frase primeiro.

Aos seis anos, mudei para uma escola tradicional e católica. Um prédio enorme, com diversos pátios. Lembro que o parque tinha grades em volta. Não havia mais quintal. Lembro que não foi muito fácil fazer amigos. Lembro que não tinha mais Tia Marília e não tenho a menor ideia de onde morava a Tia Angélica, minha nova professora. Mas fui boa aluna. E quando no final do ano, vi minha mãe radiante porque tinha passado em primeiro lugar, perguntei a ela: "O que é passar em primeiro lugar?" E ali descobri o que era passar de ano, o que era passar em primeiro lugar e que isso tinha valor.



Eu, recebendo meu diploma da Pré-escola.

Toda minha vida escolar foi vivida nessa escola, onde passei de ano entre as primeiras no primário. No ginásio, minha performance não foi tão boa e no colegial, quase por acaso, resolvi fazer magistério e ser professora. Digo por acaso, porque não foi uma escolha consciente, ou baseada em algum tipo de vocação que reconhecia em mim. Queria fazer um curso técnico para poder trabalhar e ser independente logo e o magistério se encaixava bem nesse propósito. Mas digo *quase* por acaso, porque me

encontrei nessa profissão. No último ano do magistério, li o livro "A paixão de conhecer o mundo" (1983), de Madalena Freire e essa leitura foi um divisor de águas na minha vida. Descobri que existia um jeito diferente de ensinar e aprender. Diferente do que eu tinha vivido até então. Em que professor e aluno importavam tanto quanto o conteúdo a ser aprendido. Onde o aluno podia ser visto, ouvido, considerado. Então, no último ano do magistério, disse adeus a escola tradicional da vida inteira e fui estudar na Escola Vocacional do professor Aldo Perracini.

A vida fora da escola, era para mim muito mais divertida e um espaço de socialização e aprendizagem intenso e genuíno. Lembro da chegada da primeira TV a cores na minha casa. Naquela época, década de 70, a TV ficava na sala e a família se reunia para assistir. Meu irmão mais velho gostava muito de ver TV e lembro da minha mãe, aflita, pedindo que ele fosse brincar "lá fora" e aproveitar o sol. O uso excessivo da TV, bem como os conteúdos assistidos preocupavam os pais. Discutia-se se era nocivo, por quanto tempo era recomendado que as crianças assistissem TV e mais tarde discutia-se também os conteúdos.



Anúncio das primeiras TVs em cores na década de 70.

Diferente de hoje, em que há recomendação etária para cada programa exibido, havia censura, que era retratada em um documento do Governo Federal que aparecia na tela antes das atrações. Guardo na memória a imagem desse documento com um carimbo e a voz do locutor que dizia quando ele dizia: “censura livre”. Assim, cabia ao Estado, antes de tudo determinar o que podia ou não ser visto pelas crianças.


MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TELEVISÃO

Certificado Nº. 38645.

PROGRAMA CHICO CITY - Nº 181

PRODUTOR CENTRAL GLOBO DE PRODUÇÕES

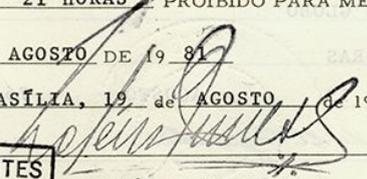
EMISSORA REDE GLOBO

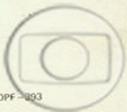
HORÁRIO AUTORIZADO 21 HORAS PROIBIDO PARA MENORES ATÉ: 14 ANOS

VÁLIDO ATÉ 19 DE AGOSTO DE 19 81

BRASÍLIA, 19 de AGOSTO de 19 76

**PROIBIDO PARA ANTES
DAS 21:00 HORAS**


 ROGÉRIO NUNES
 Diretor da DCDP



Certificado da Polícia Federal que era exibido antes dos programas de televisão

Depois chegaram os primeiros videogames. Toscos, se comparados com os de hoje. Primeiro foi o TeleJogo e depois o Atari. Esses são os que guardo na memória, mas não lembro das datas. Assim como quando chegou a TV, a chegada dos videogames mobilizou a criançada. Íamos todos na casa do vizinho que tinha videogame para jogar. No começo havia só futebol e tênis. As meninas mais torciam do que jogavam. Mas durava pouco o entusiasmo e logo estávamos de volta às ruas com nossas bicicletas, bolas, jogando taco.



O primeiro videogame que conheci: TeleJogo.



Atari

Curioso pensar agora que os eletrônicos agregavam. Nos juntávamos em torno das novidades que chegavam aos poucos: na casa de um, depois do outro. Compartilhávamos ao vivo e a cores porque ainda não havia o ambiente virtual. Hoje, principalmente em tempos de pandemia, vejo que os

eletrônicos também agregam. Meu filho e os amigos combinam horários de encontros, vão a eventos juntos, entram em campeonatos, mas tudo virtualmente.

A discussão daqueles pais, não era tão diferente da discussão de hoje no que diz respeito à exposição aos eletrônicos.

Grande número de pais inclina-se a favorecer em seus filhos o hábito de ver televisão desde a mais tenra infância. Há aqueles que nos contam que seu bebê fica mais contente com o que olha; outros destacam que seu filhinho, que já caminha, para em frente ao aparelho e exige que o mesmo seja ligado para ver os desenhos animados. (SOIFER, 1991, p. 12)

Nesse trecho, retirado do livro “A Criança e a TV, uma visão psicanalítica” (1991) de Raquel Soifer escrito há 29 anos, poderíamos substituir o hábito de ver televisão, pelo hábito de usar tablets e celulares. Mudam os dispositivos, mas as preocupações são da mesma natureza.

Até a chegada das redes que trazem definitivamente desafios de outra natureza e sobre os quais falarei neste trabalho.



Foto da matéria da Revista Nossas Crianças (Editora Abril Cultural, 1972) que mostra que já nessa época a televisão já gerava preocupação aos pais.

Embora eu não fosse muito chegada em TV, tinha meus programas e desenhos favoritos e me divertia com eles. Mas para mim, a TV nunca foi geradora de conflitos, porque não me apetecia ficar muito tempo diante dela e, assim, segui na minha infância de brincar, mais do que de assistir.

Aos 17 anos, tive meu primeiro emprego numa escola pequena, de bairro e nunca mais parei. No meu percurso profissional, tive a sorte e oportunidade de encontrar com Ana Angélica Albano e Clélia Pastorello, orientadoras nos meus dois primeiros empregos e que me abriram portas e janelas. Ao longo dos anos, tive o privilégio de trabalhar com muitas professoras parceiras, entre elas Ariane Zanelli e Sueli Navarro com quem pude aprender muito, mas essas duas pessoas, presentes no início da minha carreira, foram determinantes em meu caminho. Poderia citar muitos outros nomes, de parceiras e parceiros que me marcaram de alguma forma e com quem aprendi muito.

Depois de ingressar no mercado de trabalho cursei a faculdade de pedagogia. Mais tarde fui finalmente aluna de Madalena Freire no extinto Espaço Pedagógico. Lá cursei uma especialização durante 3 anos.

Aos 42 anos, fui mãe. Uma maternidade tardia e muito esperada e que transformou minha vida em muitos aspectos. Ser mãe e educadora às vezes é bem difícil. Ser mãe aos 42 anos é bem difícil. Ser mãe é bem difícil. Mas é a melhor aventura e o melhor desafio de toda minha vida.

A infância do meu filho foi uma infância de brincar. Não mais na rua e não com irmãos e primos. A rua não era mais lugar seguro e as crianças não estavam mais lá. A brincadeira acontecia em casa e na escola, que ele começou a frequentar aos dois anos. Escola com quintal, com espaço, tempo e valorização da brincadeira, do contato com a natureza e com as relações e vínculos.

Aos 2 anos meu filho assistiu seus primeiros filmes. Gostava do filme do Mogli, uma versão da minha infância e da Ninoca, um desenho mais contemporâneo. Assistíamos juntos, cantávamos e geralmente a TV era vista um pouco antes do jantar. Em alguns dias, meu filho ficava na casa da minha mãe e lá começou a ampliar um pouco o repertório assistindo a alguns desenhos da Netflix. Minha mãe assistia todos com ele. E assim foi até mais ou menos seis anos.

O tablet entrou na vida dele quando tinha essa idade. Aos oito anos ele ganhou seu primeiro videogame. Aos 9 anos um celular que usava só em casa para falar comigo ou com o pai. Aos 11 anos ganhou um celular, agora liberado para o uso. Ele já tinha um computador, mas não usava. Entretanto, com pandemia, passou a usá-lo diariamente.

Antes do isolamento social, tínhamos regras mais restritivas em relação ao uso dos eletrônicos. Com dias em que podia e dias em que não podia usar, com tempo limitado e horários determinados. Agora, tudo isso ruiu!

Pandemia a parte, a sensação que tenho é que conforme ele foi crescendo foi ficando cada vez mais difícil controlar. Além da preocupação com o tempo, veio a preocupação com o conteúdo e com as relações virtuais. Em relação ao conteúdo, houve uma época em que insisti em fazer críticas e queria que ele fosse mais criterioso com a curadoria. Lembro que ele gostava do Felipe Neto, na época em que os adultos não gostavam do Felipe Neto e ele não tinha se posicionado politicamente. Num dia, não sabendo mais como argumentar disse a ele que achava Felipe Neto "um lixo". Lembro até hoje da sua expressão. Muito ofendido comigo, ele disse que eu devia ter outro filho, não um filho que gostava de lixo. Ser mãe é bem difícil!

Além de me desculpar e explicar o quanto era feliz com esse filho e que não queria outro em hipótese alguma, percebi nesse dia nossa

distância. O lugar de onde eu olhava era inalcançável para ele, mas quem sabe eu poderia chegar mais perto de onde ele estava.

Se em casa, a relação com eletrônicos, a vida nas redes e as relações virtuais me desafiavam e desafiam até hoje, na vida profissional isso não era e não é diferente. Tenho 53 anos, e lá se vão mais de trinta anos, em escolas de abordagem construtivista, na maior parte do tempo, com educação infantil.

Há 12 anos sou coordenadora pedagógica e trabalho com crianças de 1 a 4 anos. Acompanho as crianças, os grupos, os professores e as famílias.

No exercício da minha profissão, formei duas gerações e já recebo hoje, filhos de ex alunos. Vejo práticas pedagógicas se transformarem com o avanços de pesquisas e estudos. Vejo também as novas questões que vão se colocando como desafio para os pais e professores atualmente, inclusive àquelas que se referem à relação das crianças com os ambientes digitais.

Muito antes da pandemia, que transformou significativamente a relação de todos com os ambientes virtuais - e sobre a qual farei algumas considerações - como mãe e educadora, meu interesse em entender um pouco mais desse universo me trouxe até essa pesquisa.

INTRODUÇÃO

“Mãe, quero que você me veja jogando”

Resolvi aceitar o convite e vê-lo jogando. Decido observá-lo e tentar entender o que se passa ali.

O jogo é o Fortnite. Ele está na equipe Tumulto. Num modo em que, quem morre, renasce. Ele faz parte de uma equipe de 50 pessoas e o objetivo do jogo é matar 100 pessoas do time inimigo. Há um mapa que mostra para onde deve ir e ele localiza os inimigos a partir dos sons que escuta no fone de ouvido. Quando os avista, atira com diferentes armas, que vai arrecadando conforme joga. Há uma tempestade que se aproxima. Eles devem correr dela. Se ela os alcançar “dá dano”.

Os jogadores podem interagir por microfones, mas nesse caso, como os outros jogadores não têm microfone, não estão conversando.

Quando conversam, falam numa língua própria:

“Me rila (ou será hila) aí!”

“Eu deitei um!”

“Pega a pump”

É tudo muito rápido, muito dinâmico, tenho dificuldade para acompanhar o ritmo e faço muitas perguntas.

Descubro que está jogando com “pessoas aleatórias que caíram na mesma partida”. Pergunto porque ele é um personagem feminino e descubro que tanto faz ser masculino ou feminino. “É tranquilo”.

Aproveito para perguntar se as meninas jogam e ele me diz que sim, mas que não tem amigas que jogam.

Acho que nesse momento ele se arrepende do convite. Está muito concentrado. “Mãe, você me atrapalha se fica falando”. Mas ver a partida sem conversar é demais para mim! Então volto aos meus afazeres.

"Observação" do meu filho de 10 anos jogando vídeo game em 5 de agosto de 2019.

Ver meu filho jogando Fortnite sempre me causou mal estar. Entretanto, o presenteei com o tão sonhado vídeo game e mais tarde com o jogo tão desejado e jogado por muitos amigos. Imaginava que ele iria jogar Minecraft, um jogo "educativo", e outros desse tipo, mas isso durou muito

pouco. Logo foi seduzido por outros jogos, com outros tipos de emoção e com certa dose de adrenalina. Como tantas mães e pais, me vejo às voltas com muitas preocupações, que vão do excesso de tempo diante das telas, passando pelos conteúdos aos quais ele tem acesso e às pessoas com quem se relaciona nesse mundo virtual.

Como educadora de crianças pequenas (1 a 4 anos), também me vejo às voltas com o assunto tecnologia, telas, smartphones. Não raro, vejo crianças entrando na escola com o celular dos adultos em punho, ouço relatos de crianças que "só comem diante do tablet", percebo que muitos carros têm telas acopladas aos bancos para que a criança se entretenha no percurso de casa à escola.

Mas não são só as crianças que estão envolvidas com os eletrônicos e o mundo virtual. Sobretudo os adultos, nos quais me incluo. Estamos sim, o tempo todo voltados às telas, quer seja para ler ou enviar mensagens, quer seja para saber do trânsito, quer seja para ler notícias, quer seja circulando pelas redes sociais. Na verdade, quando vemos um adulto na relação com o celular, não sabemos onde está e o que está fazendo. Vivemos permanentemente conectados, num estado permanente de urgência em que as respostas têm que ser imediatas. E as crianças convivem com isso o tempo todo.

Na escola em que trabalho, muitas crianças, cujas mães também trabalham são cuidadas por babás e também nesse universo a tecnologia atravessa as relações. Quer seja pelas câmeras instaladas em casa, que permitem que a mãe acompanhe a criança sem estar presente, quer seja pelas fotos enviadas: do prato antes da refeição, da criança comendo, do prato após a refeição, da criança brincando, dormindo... esse acompanhamento virtual parece dar tranquilidade aos pais que assim se sentem presentes, mas o fato é que não estão. Sabem o que o filho comeu e em que quantidade, mas não estavam lá para saber como foi, do que parece

ter gostado mais. Sabem em que horas adormeceu e que horas acordou, mas não estavam lá para acompanhar o ritual de ir dormir, para acalantar, para cantar. Não há aqui nenhum julgamento. É fato que pais e mães precisam trabalhar e muitas vezes sofrem tanto quanto os filhos essa ausência imposta pelas obrigações profissionais. No entanto, é preciso cuidado com a ilusão que esses recursos tecnológicos trazem. Há algo que só ocorre na presença e nada substitui esse contato.

Sobre isso, Julieta Jerusalinsky, no livro *Intoxicações Eletrônicas* (2017, p. 24) nos diz que "há uma naturalização da sociedade de controle em que o direito à privacidade deixa de ser posto em questão". Assim, somos rastreados na internet, temos nossos perfis digitais traçados, somos bombardeados com propagandas, inseridos em "bolhas", mas nada disso causa estranhamento.

Do mesmo modo, a condição de ver o que o outro está fazendo em lugar de confiar em sua palavra passa a atravessar as relações mais íntimas: pais vigiam os filhos por câmeras domésticas, controlando seus afazeres, os de suas babás, ou as dos professores nas escolas. Não só isso estabelece uma condição de vigilância, mas também a suposição de que, desse modo poderia se estar com o outro, mesmo não estando. (BAPTISTA; JERUSALINSKY, 2017, p. 24)

Para além desse uso mais rotineiro, em que a tecnologia entra como recurso de comunicação, entretenimento e às vezes de controle parental, as crianças também são afetadas em outras instâncias, inclusive, pelas redes sociais.

Vivemos num tempo em que somos bombardeados de imagens, notícias, mensagens. Num passeio pelas redes sociais, percebe-se que o limite entre o público e o privado, parece ser cada vez menos perceptível. Posts em que as pessoas expõem a vida íntima, a sua própria e muitas vezes a dos filhos, são comuns e muitas vezes nem causam estranhamento.

Nesse cenário surge o termo "sharenting", um neologismo que junta a palavra "share" - compartilhar, com a palavra "parenting", que se refere a função materna e paterna. É comum pais compartilharem imagens e situações cotidianas de seus filhos, desconsiderando que deixam assim pegadas digitais que estarão para sempre registradas no percurso dessas crianças, sem o consentimento delas.

Assim, são muitos os desafios que temos como pais e educadores diante da nossa relação e da relação da infância com a tecnologia.

As inovações tecnológicas sempre foram recebidas pela humanidade com um misto de fascínio e horror, desde a máquina a vapor até a energia atômica, passando por eletricidade, rádio, telefone e televisão. Fascínio pela inesgotável capacidade da invenção humana e esperança na promessa técnico-científica de tornar a vida melhor no futuro. Horror porque elas, inevitavelmente, comportam um grau de imprevisibilidade, produzindo transformações nos modos de estabelecer, em grande escala, as alianças político econômicas e, na miudeza, do dia a dia, de regular costumes mais cotidianos da vida e das trocas nas relações entre os próximos. (BAPTISTA; JERUSALINSKY, 2017, p. 13)

Nesse espaço entre o fascínio e o horror, nasceram e continuam nascendo muitas perguntas sempre com o foco de encontrar a melhor forma de conduzir as relações entre a tecnologia e a infância. Para respondê-las, ou melhor, para refletir sobre elas, me propus a observar e a ouvir as próprias crianças. Tentar adentrar nesse mundo de cliques, likes, blogueirinhas, youtubers, tiktokers, instagramers. Esse mundo cheio de palavras e expressões novas importadas do inglês, que se tornam internacionais e são inseridas no vocabulário dos "gamers", como "noob", "bot", "deu hs", ou atitudes novas como "mutar" os amigos. (Essa última também utilizada por nós nos muitos encontros virtuais dos quais temos participado ultimamente). Me propus a me aproximar do que pensam sobre as relações virtuais, se estão nas redes sociais e em quais, o que fazem por lá e como isso impacta o dia a dia de cada uma.

Observar e ouvir as próprias crianças, significa adentrar esse território, com a abertura necessária para ver o que elas de fato estão nos mostrando. Considerar a forma como são afetadas por esse mundo virtual e pela tecnologia sem, de antemão, fazer julgamentos. Significa aceitar que há mudanças muito profundas em curso. Da ordem da cognição, da ordem das relações, da ordem da corporalidade, da ordem das emoções. Emoções que sofrem "mutações" porque a linguagem e a sociabilidade, antes referenciadas pela segurança e afeto que advinham da relação com a mãe, ou com o adulto cuidador, perde a carnalidade e passa a ser mediada pelas telas, que são utilizadas desde a mais tenra idade.

Franco Berardi, filósofo italiano, se refere à geração que veio ao mundo nos anos 1980, como a "primeira geração videoeletrônica", uma geração segundo ele, que pode ser considerada mutante, "que se forma em um ambiente em que a mídia prevalece sobre o contato com o corpo humano" (2019, p. 88).

Michel Serres, no livro Polegarzinha se refere também a uma mudança cognitiva:

Essas crianças então, habitam o virtual. As ciências cognitivas mostram que o uso da internet, a leitura ou a escrita de mensagens com o polegar, a consulta a Wikipédia ou ao Facebook não ativam os mesmos neurônios nem as mesmas zonas corticais que o uso do livro, do quadro negro ou do caderno. Essas crianças podem manipular várias informações ao mesmo tempo. Não conhecem, não integram nem sintetizam da mesma forma que nós, seus antepassados. Não têm mais a mesma cabeça. (SERRES, 2020, p. 19)

Meu objetivo nesta pesquisa foi, portanto, à luz desses filósofos e das reflexões que eles inspiraram, numa perspectiva antropológica, investigar a relação das crianças com as redes sociais e para isso levantei as seguintes perguntas e inquietações:

- Como é a relação das crianças com as redes sociais?
- Por onde navegam?
- O que estão absorvendo e produzindo nos meios digitais?

PANDEMIA DE COVID 19 - UMA PEDRA NO MEIO DO CAMINHO

Com o processo de pesquisa já em andamento, o mundo foi surpreendido pela pandemia de COVID 19. Todos fomos de alguma forma afetados por esse triste episódio da humanidade. Inclusive as crianças.

Em distanciamento social, o único recurso disponível para o contato com o mundo além da casa, tem sido o tecnológico. As pessoas passaram a se comunicar mais do que nunca por meio das redes sociais, de plataformas de encontros virtuais, de "lives". O vídeo game, e os jogos online, se mostram como uma oportunidade de encontro e interação para as crianças que já têm autonomia para transitar em ambientes virtuais. Elas combinam encontros e brincam! Virtualmente, mas brincam.

O ensino remoto tornou-se uma realidade de um dia para o outro. Professores e alunos se viram imersos em plataformas que não dominavam, buscando soluções para enfrentar o distanciamento e manter a escola e os processos de aprendizagem vivos. Às famílias, tem sido reservada a difícil tarefa de dividir seu tempo entre o home office, as tarefas domésticas e o auxílio nas atividades escolares, uma vez que as crianças nem sempre têm a autonomia necessária para transitar nos ambientes escolares virtuais.

Nesse momento, repensei minha pesquisa e questioneei qual era a relevância dela nesse novo contexto. O mundo dava uma volta inesperada e tudo parecia fora do lugar. Seria mesmo importante pensar nisso agora? Refletir sobre o uso da tecnologia nesse momento parecia inócuo. E o que dizer de algumas escolas, inclusive a que eu trabalho, que passavam a

produzir conteúdos em ambientes digitais para crianças a partir de 1 ano, contrariando a recomendação da Sociedade Brasileira de Pediatria¹ para evitar uso de telas antes dos 2 anos? Seria melhor reconsiderar tudo isso e me focar nesse “novo normal” que estava e está sendo construído?

Por todas essas dúvidas, foi necessário suspender meu processo de trabalho por um tempo. Quando enfim, resolvi retomar meu percurso, apesar do momento, percebi que havia sim importância e relevância em pensar sobre isso.

Ainda não sabemos o que será esse "novo normal", expressão que está presente em quase todas as reflexões sobre o mundo pós pandemia. Algumas coisas mudarão, porque precisarão ser diferentes, quer seja pelos protocolos sanitários adotados para garantir a segurança de todos, quer seja pelas questões econômicas. Outras mudarão, porque em meio a essa tempestade, tem sido necessário nos reinventar (outra expressão muito usada atualmente) para lidar com a nova realidade e descobrimos boas práticas. O fato é que, passado esse momento, poderemos avaliar o que fica desse episódio como legado para a sociedade, incluindo aí possíveis mudanças ou não na relação das crianças com tecnologia e com os ambientes virtuais.

Nesse trabalho, descrevo no capítulo 1, o grupo e instituição onde realizei minha pesquisa. Nos capítulos 2, 3 apresento os dados levantados e faço uma análise deles em diálogo com alguns autores cujas ideias, me inspiraram e me motivaram a esse trabalho. No capítulo 4, finalizo com algumas reflexões e conclusões. Conclusões que desde já se anunciam como provisórias. Porque mais do que nunca, estamos num mundo mutante, onde a única coisa possível de concluir é que nada está concluído.

¹O site da Sociedade Brasileira de pediatria está disponível em <https://www.sbp.com.br/>.

Criei também um glossário com palavras que descobri durante minhas observações e escutas, do grupo pesquisado e do meu filho.

IR A CAMPO, UMA EXPERIÊNCIA NOVA

Como uma criança antes de a ensinarem a ser grande, fui verdadeiro e leal ao que vi e ouvi. (PESSOA/CAIERO, 2005, p. 146)

Observar é uma ação contínua e fundamental no trabalho pedagógico. Quando era professora, tinha meu diário de campo e fazia meus registros reflexivos que me ajudavam muito a rever minha prática, a fazer ajustes nos planejamentos, a ter insights de possíveis intervenções com alunos. Era com base nessas anotações, que nasciam das minhas observações e experiências, que o trabalho podia fluir, crescer, ampliar-se e transformar-se.

Assim, quando chegou o momento de ir a campo, parecia que já tinha os recursos necessários para tal.

Entretanto, na perspectiva de escuta e observação que essa pesquisa pretendia, era preciso mais do que esse exercício de observar, registrar, refletir. Era preciso ter a delicadeza de adentrar o território que me acolhia, entender sua dinâmica, ser aceita, criar uma metodologia de trabalho e sobretudo, era preciso me abrir para o que iria encontrar. Limpar meu olhar, "ser leal e verdadeira ao que ia ver e ouvir".

CAPÍTULO 1 - O GRUPO E A METODOLOGIA: UMA PEDAGOGA NOS CAMINHOS DA ANTROPOLOGIA

Nos últimos vinte anos, meu olhar estava voltado para um universo muito familiar e conhecido para mim: o ambiente escolar. Por mais que novas crianças e novas famílias tragam desafios, isso não se comparava ao que ia encontrar pela frente quando decidi onde fazer minha pesquisa. Um novo espaço, uma instituição de educação não formal e uma faixa etária com a qual nunca atuei profissionalmente.

Entretanto, não seria esse, o aspecto mais desafiador. Ao longo da pesquisa, e principalmente na escrita desse trabalho, compreendi verdadeiramente que se tratava de um novo olhar. Algo inédito. Um olhar antropológico.

Ser ou tornar-se antropólogo, pesquisador, observador dos universos infantis não depende unicamente de ter estudado antropologia. É necessário, sim, compreender os conceitos fundantes desta ciência social, para assimilar que o ponto de partida destas viagens acontece num outro território, a paisagem do outro: entender que a postura é totalmente diferente à de um educador-professor-ensinante. O antropólogo não chega para ensinar algo, mas para aprender: não aparece para intervir, mas para silenciar, respeitar e acolher. (FRIEDMAN, 2015)

Para que esse olhar pudesse ser o mais amplo possível, a orientação era que nos debruçássemos sobre as diversas formas de expressão do grupo pesquisado: gestos, expressões artísticas, brincadeiras, que estivéssemos atentos e que convidássemos o grupo a se expressar por meio de múltiplas linguagens. Orientação que mais tarde descobri ser preciosa, mas que não consegui seguir à risca.

Finalmente, era preciso desenvolver a escuta. Não aquela escuta que julgava já dominar por conta da minha experiência profissional, mas uma escuta respeitosa, acolhedora, liberta da relação de poder adulto-criança, onde nos colocamos no lugar de quem detém o saber, onde temos o papel

de intervir e conduzir. Uma escuta em que eu pudesse me entregar. Teria que aprender a escutar e sobretudo, me deixar afetar.

Tinha em mim o entusiasmo e interesse tão necessários para encarar o desafio. Havia sido impactada por uma aula do antropólogo belga Jean-Pierre Rossie. Seu relato da pesquisa que realizou sobre a infância na Costa do Marrocos (onde instalou-se por algum tempo), levantou aspectos bastante importantes sobre estudos etnográficos: entender a comunidade e o contexto no qual está inserida, estabelecer vínculo, respeitar o vínculo entre as crianças, e entre as crianças e o que se quer observar, e, principalmente, lembrar que para a boa observação o segredo está em que as crianças se interessem pelo que estão fazendo.

As leituras de textos e pesquisas etnográficas de Emilene Leite de Souza (2015) e William Corsaro [entre 2005 e 2019], deram também alguns subsídios para refletir sobre a entrada em campo e sobre a questão da metodologia.

1.1 QUE CAMINHOS PERCORRER E COMO?

Na pedagogia, utilizamos modalidades organizativas como recursos didáticos para assegurar um bom percurso de aprendizagem. Cada escola vai definindo seus caminhos de acordo com suas concepções de ensino aprendizagem e trabalhamos com projetos e sequências didáticas. Há flexibilidade e possibilidade de ajustar as rotas e percursos no decorrer dos processos. No entanto, na antropologia os caminhos e a forma de percorrê-los são muito distintos.

A antropologia é uma ciência que não tem suas técnicas pré determinadas rigidamente, sendo necessário escolhê-las a cada vez, conforme as características e natureza dos problemas construídos abstratamente pelo pesquisador, e que conformam o próprio objeto de estudo. (SOUZA, 2015)

Captar verdadeiramente o significado dessa distinção foi algo que só ocorreu a posteriori da pesquisa de campo, em função das reflexões que nasceram com a escrita deste trabalho.

Planejei três encontros e segui quase sempre os roteiros estabelecidos. Formulei perguntas e queria ouvir as respostas. Pautei minha escuta muito mais nas palavras, relatos e escuta de opiniões. Entretanto, ao ver as crianças em ação, com os smartphones em mãos, entrando nas redes, utilizando seus aparelhos com liberdade, foi aí, que comecei a perceber o que tinham realmente a dizer e mostrar. Por meio de seus comentários, pela forma como se organizaram no grupo, pelo que escolheram para fazer com seus aparelhos. Foi quando parei de perguntar, que mais pude escutar e perceber.

1.2 O TERRITÓRIO ESCOLHIDO:

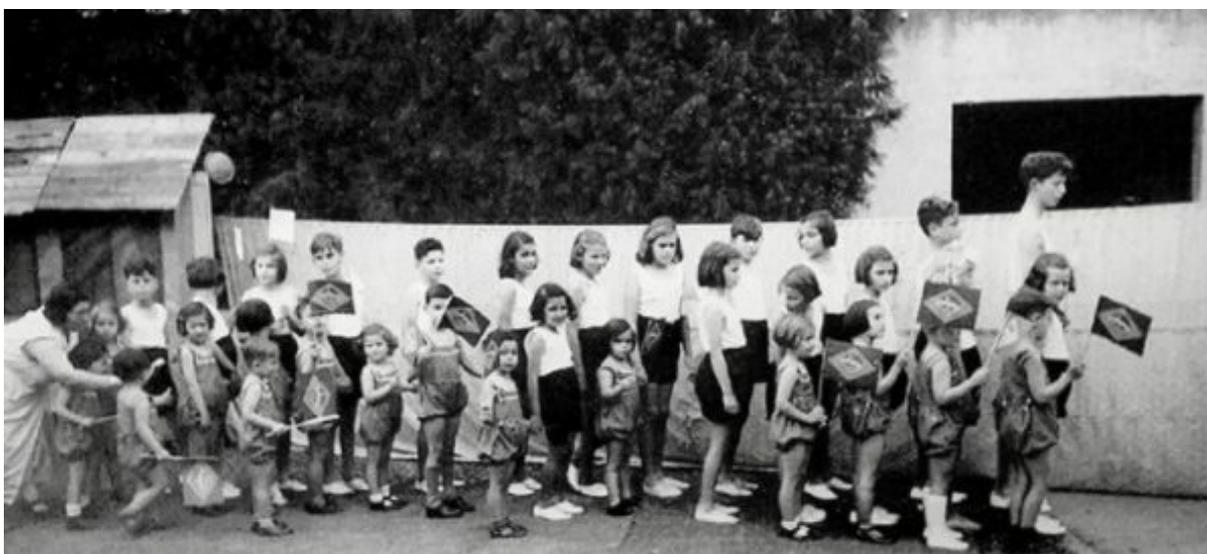
Lar das Crianças - Congregação Israelita Paulista²

O Lar das Crianças é uma instituição sem fins lucrativos ligada à Congregação Israelita Paulista (CIP) e foi fundado há 80 anos para abrigar filhos de famílias judias que vinham refugiadas da Europa. Essas famílias precisavam trabalhar e reconstruir suas vidas e não tinham apoio para cuidar das crianças. Algumas crianças moravam no Lar e o segundo andar, onde hoje funcionam salas de trabalho com as crianças e jovens, eram os dormitórios. Andar por aqueles corredores e conhecer essas histórias foi algo tocante. Soube naquele dia que alguns ex moradores do Lar, que hoje são pais, avós e que se estabeleceram com sucesso, continuam ajudando a manter o espaço e tem com ele uma relação afetiva. Lembram qual era seu quarto, por exemplo. Na ocasião em que fiz a primeira visita ao Lar, as paredes e janelas tinham sido recentemente pintadas com a doação de um ex morador.

² Lar das Crianças da CIP - Disponível em <https://lardascrianças.org.br/>. Acesso Julho 2020.

Com o passar dos anos e a diminuição das ondas migratórias, o Lar abriu as portas para crianças de todas as religiões. Essa foi uma forma de retribuir ao país acolhimento recebido e a possibilidade de começar novas histórias.

Hoje o Lar das Crianças é mantido por meio de projetos incentivados, editais de fundações e parcerias com empresas e tem projetos aprovados para receber imposto de renda pela lei Rouanet, pelo CONDECA (Conselho Estadual dos Direitos das Criança e do Adolescente) e pelo FUMCAD (Fundo Municipal da Criança e do Adolescente). Além disso, arrecada recursos por meio de eventos beneficentes, campanhas, doação da Nota Fiscal Paulista e contribuições de associados da CIP.



Lar das Crianças Flieg, fundado pela Congregação Israelita Paulista em 1937 – Foto: Divulgação.



Foto de divulgação retirada da conta de Instagram do Lar das Crianças da CIP. 2018.

Atualmente atende em torno de 400 crianças e jovens de famílias em vulnerabilidade social da periferia da zona sul de São Paulo, de bairros como Grajaú, Jardim Ângela e Capão Redondo, cursando a escola pública. São desenvolvidos programas para crianças de quatro anos até o encaminhamento profissional, no contraturno escolar. Por meio de atividades socioeducativas - que englobam as artes, esportes, ciências e linguagem - busca-se potencializar a formação integral das crianças e jovens.

A história do Lar das Crianças, o passeio que fiz com a coordenadora que me recebeu, a relação que percebi que ela tinha com as crianças e jovens que conhecia pelo nome, e a paixão que transpareceu quando me contava de cada detalhe, sem dúvida, me trouxeram de imediato, uma relação de respeito. Era como adentrar em um território sagrado, cada ambiente guardava memórias, histórias vividas e por viver. E agora, eu começava também a escrever minha história ali.

1.3 ENFIM, MEU GRUPO

A intenção inicial era trabalhar com um grupo de cinco a seis crianças entre 11 e 12 anos. Entretanto, quando a coordenadora anunciou a proposta de trabalho, treze crianças se voluntariaram e ela me pediu que acolhesse todas. Esse número talvez tenha dificultado um pouco a observação e escuta, tal como eu imaginava que seria. Eram 8 meninas e 5 meninos, nascidos em 2007 e 2008, cursando o sexto ano do Fundamental.

Aqui um trecho os registros do meu primeiro encontro com o grupo:

A primeira visita, dia 22/10, teve que ser adiada pois era um dia em que poucas crianças estariam presentes por conta de atividades que teriam na escola. Remarcamos para dia 24.

Cheguei atrasada e aflita e Clara me levou até a sala onde eles estavam trabalhando. Ela me apresentou como "aquela pedagoga, que é pesquisadora que falei pra vocês e que vai pesquisar as crianças e as redes sociais". Nunca antes tinha recebido esse título: pesquisadora. Enquanto as crianças se organizavam para me acompanhar, respirei fundo. Gostei, estou gostando e confesso que estou me sentindo uma pesquisadora!

Grupo organizado, sentamos em roda e começo me apresentando. Conto um pouco sobre meu percurso profissional. Mas conto, e isso eu não havia planejado, que tenho um filho de dez anos e que como mãe, muitas vezes eu não sei como lidar com ele e relação que ele tem com a internet e as redes. É a primeira vez que assumo isso tão claramente. Que isso motiva e muito minha pesquisa.

Depois de falar um pouco sobre mim, foi a vez de escutá-los e cada um pôde se apresentar dizendo seu nome, idade e alguns falavam seus apelidos.

Pedi autorização para gravar nossa conversa, mas uma das meninas não consentiu. Um dos meninos, me aconselha então a gravar escondido, mas digo a ele que vamos respeitar o limite da colega.

Retomando esse primeiro encontro, destaco algumas reflexões: ser apresentada como pesquisadora tinha importância para mim, pois se tratava de experimentar um novo papel, mas participar de uma pesquisa, parecia ter uma importância para eles também. Tinha uma hipótese de que o interesse era gerado por ser tratar de uma pesquisa que envolvia redes sociais e, portanto, uso de celulares, mas percebia um interesse genuíno.

O fato de me contarem espontaneamente seus apelidos no nosso primeiro encontro, mostrava que havia uma vontade de aproximar-se e estabelecer vínculos, ou quem sabe uma vontade de estabelecer uma relação mais descontraída do que geralmente eles vivem com os adultos.

Ao contar a eles que tinha um filho e que como mãe, era difícil entender a relação que ele estabelecia com o ambiente digital, me colocava no lugar de alguém que queria aprender e que antecipava que eles podiam me ensinar algo.

Apenas uma participante não deu consentimento para a gravação e isso foi considerado. Não insisti, não argumentei. Simplesmente respeitei e nem me passou pela cabeça usar qualquer estratégia de convencimento ou gravar sem a autorização de todos. Aqui, percebia que já tinha uma atitude e uma postura para minha escuta. As vozes de todos seriam consideradas e isso estava anunciado ao grupo. Assim, adentrava os territórios. Não só o Lar das Crianças era território, mas cada um que ali estava com suas características suas histórias de vida, suas potências, suas dificuldades. Cada um em sua inteireza.

CAPÍTULO 2 - A DIVERSIDADE DAS REDES E O LUGAR DOS ADULTOS

No primeiro encontro com o grupo, levantei alguns dados que me interessavam pesquisar e que podiam ser um bom "começo de conversa". Iniciei fazendo um levantamento das redes sociais que conheciam e perguntando quem usava cada uma delas.

Essas foram as respostas:

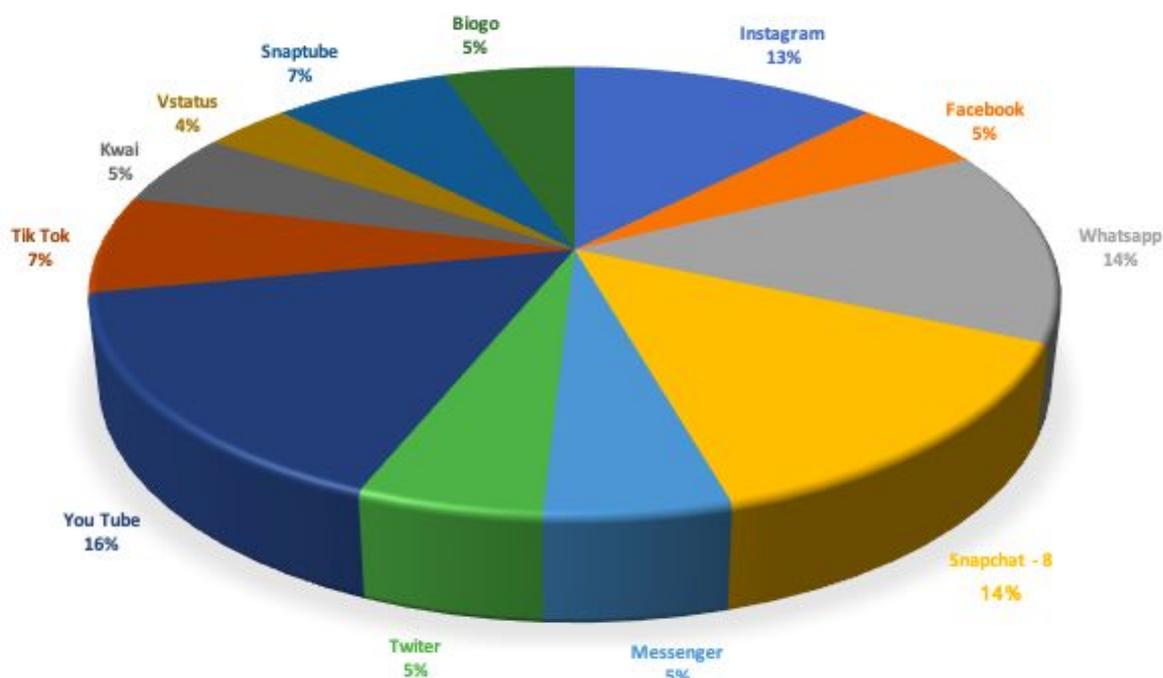


Gráfico das redes sociais usadas pelo grupo pesquisado em novembro de 2019.

Pesquisas recentes (NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR, 2019), apontam que 82% dos usuários da Internet entre 9 e 17 anos, têm perfis em redes sociais. Entretanto, no grupo que pesquisei, embora circulem nas redes, nem todos possuíam perfis.

Muitas dessas redes são desconhecidas para mim e entre as crianças surge uma discussão sobre o que são as redes sociais. Aproveito então para lançar uma outra questão:

O que são redes sociais?

Essas foram as respostas

- *meio de comunicação*
- *meio de se conectar com as pessoas*
- *tem gente que segue e se ela te segue é porque gosta de você*
- *é para mostrar o que acontece na sua vida*
- *é pra cuidar da vida dos outros*
- *onde você pode conversar com pessoas, postar fotos do que faz, ver outras pessoas, ver vídeos de comidas, de maquiagem, artesanato, slime (um tipo de massinha), várias coisas... construção, cachorros, dança, roupas, lojas, carros, moto*
- *e tem as blogueirinhas!*³

Percebo que a ideia central é a de conexão. As redes nos conectam com o outro e com o mundo e é nisso que as crianças parecem interessadas.

Ao mesmo tempo, elas mostram já uma certa visão crítica quando dizem que "é pra mostrar o que acontece na sua vida e pra cuidar da vida dos outros" ou quando se referem às blogueirinhas.

As redes aparecem também como um lugar de informação. Nas redes sociais achamos um pouco de tudo e podemos saber um pouco de tudo. Parece que a função maior que as crianças reconhecem nas redes é a de uma vitrine. Um lugar de exibir, ostentar, "se achar".

³ Blogueirinha: menina que tem tudo, quer mostrar tudo e quer se achar. Ficam se exibindo na rede social.

Num determinado momento da conversa, alguém fala sobre os perigos das redes sociais e pergunto se elas são realmente perigosas. As crianças dizem que sim. Que tem pedófilos, ameaças. Falam de amigos virtuais, alguém conta que já falou com um americano. Falam em hackers.

Percebo que conhecem as possíveis armadilhas e perigos desse universo virtual, mas falam de algo distante e não parecem assustadas.

No entanto, nesse dia, no final desse encontro, sou procurada por uma menina que relata uma interação com um adulto que enviou "nudes" para ela. Ela conta que o bloqueou, mas que agora surgiu um outro homem falando com ela, mas ela o bloqueou também. Digo que precisa pedir ajuda se sentir em perigo, mas depois entendo que de certa forma já estava pedindo. Ela me pede muitas vezes que não conte para ninguém o que estava me falando.

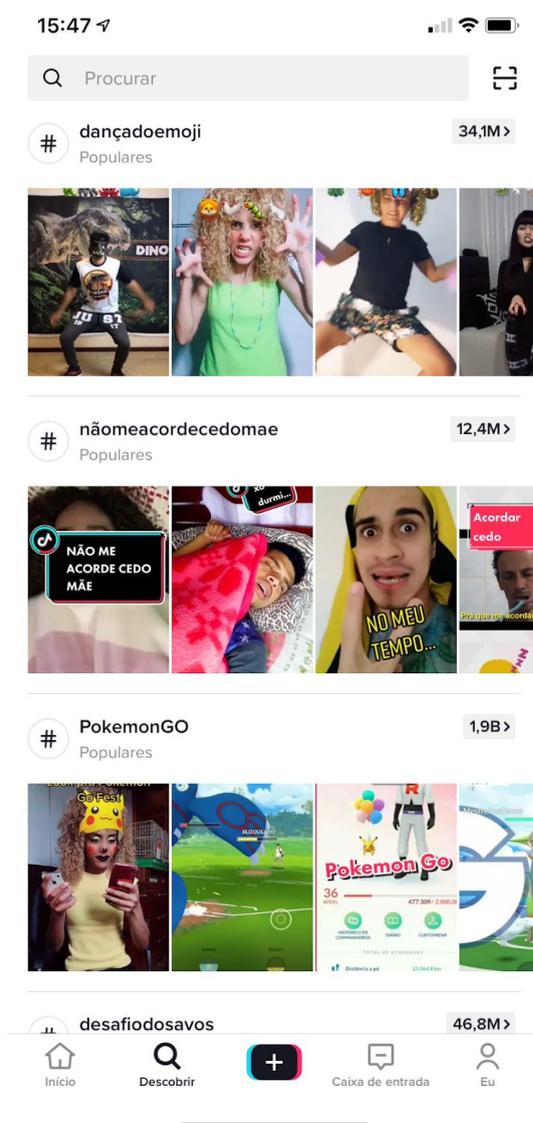
Vou embora com esse segredo. Nas minhas reflexões penso o quanto é importante que essas crianças saibam que podem contar com os adultos nas situações de medo e desconforto. Mas parecem sentir medo, parecem não confiar e talvez, sintam-se culpadas. Sigo preocupada e resolvo esperar pelo próximo encontro.

2.1 DIGA-ME EM QUE REDE NAVEGAS E TE DIREI QUEM ÉS!

A diversidade das redes, mostra que vão se estabelecendo territórios e tribos distintas que “frequentam” determinadas redes. A faixa etária e os conteúdos veiculados determinam a adesão a uma ou outra rede social.

Na ocasião em que fiz a pesquisa, o Tik Tok, aplicativo de uma rede que é febre entre crianças e adolescentes e que começa a ser utilizado por alguns adultos, ainda não era tão conhecido. Ele é um aplicativo de compartilhamento de vídeos (por isso considerado rede social). O TikTok conta com uma galeria imensa de

efeitos, que podem tornar os vídeos interativos e divertidos. Eles incluem jogos, memes, músicas, maquiagens e acessórios.



Captura de tela de celular mostrando parte da aba "descobrir" do TikTok. Feita no dia 30 de julho de 2020, mostra algumas das *hashtags* populares no período.

O conteúdo desses vídeos, que têm de 15 a 30 segundos, são, em geral, coreografias, esquetes e os desafios ou "challenges". Muitos com uma exposição bastante forte do corpo e com alto teor de sexualização.

Esses desafios vão desde execução de coreografias, até fazer coisas inusitadas em público. Alguns deles podem também ser perigosos, como o "Desafio do Quebra Crânio", que viralizou na internet e gerou mobilização de famílias e

escolas para alertar as crianças da gravidade da brincadeira, que podia ser fatal. Duas pessoas desafiavam uma terceira que estava no meio delas a saltar e quando ela tirava os pés do chão, os dois aplicavam uma rasteira. A pessoa caía sentada e com a força da queda batia a cabeça no chão.

Os vídeos com esses desafios e "trollagens" (ato de enganar os outros, fazer "pegadinhas"), são bastante populares e parecem divertir bastante as crianças. Infelizmente não houve tempo para poder escutar o que pensam sobre isso.

Além do TikTok, também nunca tinha ouvido falar de Kwai, ou Biogo (Likee) todos aplicativos muito parecidos.

Diferente do Facebook ou do Instagram em que as pessoas contam de si, fazem selfies, mostram lugares que frequentam, nas redes como TikTok e similares, as esquetes e brincadeiras com mais visualizações vão sendo reproduzidas por todos. Há uma exposição de corpos e situações que vão sendo copiadas. Os desafios, coreografias ou esquetes sobem através de hashtags e cada um vai fazendo sua versão dos vídeos mais populares, o que gera uma sensação de pertencimento que é bastante comum nessa faixa etária. É possível seguir perfis, mas há também uma aba "para você" em que algoritmos escolhem vídeos a serem exibidos para cada perfil.

Existem "modalidades ou gêneros de post" como fanfics e POVs.

"Fanfics" é a abreviação da expressão inglesa fanfiction, que significa "ficção de fã" Como o próprio nome diz, trata-se de ficções criadas por fãs. Os criadores de fanfics usam os personagens de uma história, ou artistas e pessoas conhecidas e criam histórias com eles ou os inserem em algum contexto diferente do que eles se inserem nas suas histórias originais. Exemplo: criar situações novas para os personagens de Harry Potter, ou criar enredos envolvendo pessoas famosas.

Já POVs - abreviação de point of view (ponto de vista) - são narrativas em que o autor é o personagem da história. Às vezes assumindo um único papel, às vezes contracenando consigo mesmo, representando vários papéis. Esses gêneros,

que aparecem no TikTok, são na verdade, recursos de escrita e gêneros literários, importados para o aplicativo.

Embora o TikTok fosse originalmente um território de adolescentes, muitos adultos, alguns acompanhados de crianças participam também dos vídeos.

A exemplo do que já ocorreu com Facebook, especula-se que o aplicativo rouba dados dos seus usuários e há inclusive rumores, de que pode ser proibido nos EUA, segundo reportagem do portal G1.⁴

⁴<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/07/07/eua-consideram-banir-tiktok-e-o-outras-redes-sociais-chinasas-diz-secretario-de-estado.ghtml>

2.2 O LUGAR DOS ADULTOS NA TRAMA DAS REDES SOCIAIS

Pude perceber que existe um mundo enorme, que ouvimos falar, mas dificilmente acessamos. Willian Corsaro (2003), sociólogo americano, numa pesquisa etnográfica realizada com as crianças de Jardins de Infância nos EUA e Itália nos diz que a entrada no terreno, é que vai permitir que possamos nos aproximar da perspectiva "dos de dentro".

Na ocasião, ele desenvolvia um estudo etnográfico em um jardim da infância e dizia o quanto era difícil acessar a perspectiva das crianças e ser aceito, uma vez que era um adulto e essa condição já determinava uma distância intransponível entre ele e o que ele chamou "os de dentro".

Quando navegava nos aplicativos a fim de conhecê-los melhor, havia algo que me colocava numa mesma perspectiva que as crianças: todas as vezes em que entrava, me demorava muito mais do que previa e, não raro, acabava me envolvendo de tal maneira que esquecia até meu propósito. Com mecanismo pensados exatamente para nos capturar, como as rolagens infinitas, por exemplo, o autocontrole é um desafio para os adultos e, portanto, ainda mais difícil para as crianças. Quando me dava conta estava capturada pela curiosidade e navegando a esmo. Entretanto, diferente das crianças, era impossível desligar meu senso crítico e discernimento, e assim, minha entrada no território não pôde acontecer sem que isso gerasse surpresas e questionamentos.

Navegando pelas redes e por alguns canais de YouTube, me deparei com algumas situações que me chamaram bastante atenção: há muitas imagens e vídeos de crianças feitos pelos pais, não só em situações "bonitinhas", mas muitas vezes reproduzindo as coreografias citadas, falando textos determinados pelos adultos e muitas como se fossem miniaturas de modelos, com roupas de moda, segurando sacolas, em poses erotizadas.

Embora esse não tenha sido o foco desta pesquisa penso que aqui se abre mais um amplo campo de investigação: os youtubers infantis. Recentemente foi

veiculado na mídia o caso de um canal "Bel para meninas" em que os pais foram denunciados por expor a filha a situações constrangedoras como obrigá-la a tomar leite com bacalhau e rir quando ela vomita, quebrar um ovo em sua cabeça ou dizer que ela era adotada.

O canal tem mais de 7 milhões de seguidores. A mãe organiza enquetes para decidir por exemplo, com que mochila a filha irá à escola no primeiro dia de aula, privando-a de fazer sua própria escolha, joga a filha na piscina gelada depois do banho, filma a filha correndo atrás do carro e quando ela se aproxima para entrar a mãe acelera as gargalhadas com a irmã menor. Requisites de crueldade e humilhação em nomes de muitos likes que são monetizados. Esse caso, após denúncias feitas nas próprias redes, teve envolvimento inclusive do Conselho Tutelar.

Se por um lado, o fato de crianças terem canais parece trazer notícias de um protagonismo infantil, por outro, no levantamento que fiz, no caso das crianças pequenas, como elas não possuem a autonomia necessária para criar, gerenciar e manter um canal, são os adultos que dirigem as crianças. Algumas vezes, percebe-se que o foco está na rentabilidade dos likes, e o que gera mais likes é mais explorado. Dessa forma, isso nos aproxima do que Adriana Friedmann conceitua como adultocentrismo:

Refere-se a decisões que os adultos tomam pelas crianças e por elas, em geral sem consultá-las, sem lhes dar voz ou sem criar espaços de escuta. (FRIEDMANN, 2020, p. 41)

Não se trata de deixar que a criança decida tudo e há muitas situações em que cabe ao adulto tomar as decisões relacionadas às crianças, mas aqui, falamos de escolhas possíveis de espontaneidade e, sobretudo, de respeito.

Ao forçar, obrigar ou influenciar as crianças a participarem de determinados fóruns ou situações, ou ao falarem ou colocarem aquilo que os adultos gostariam de dizer por elas ou delas ouvir vai na contramão do que se considera protagonismo e participação infantil. (FRIEDMANN, 2020, p. 41)

A grande quantidade de canais infantis, com a condução e participação dos adultos, pode ser assunto para uma pesquisa mais ampla e profunda.

No grupo da pesquisa, sempre que as crianças se remetiam aos pais, estes apareciam no papel de dar limites, quer seja no tempo de uso, quer seja permitindo ou não que saiam de casa com o celular. Não houve relatos de situações em que pais e filhos participavam juntos ou interagiam nas redes. Para o encontro em que usamos os aparelhos, foi preciso entrar em contato e pedir a autorização para alguns pais para que pudessem trazer seus celulares no dia marcado. Em geral, o medo é de que as crianças sejam assaltadas.

Em relação à exposição, as crianças parecem ter certo receio quando falam sobre os hackers, o que mostra que a questão é vista sobretudo pelo aspecto da segurança. Entretanto, a privacidade e a intimidade, não surgem na conversa espontânea entre elas, embora identifiquem que as redes servem para ver e serem vistas.

Uma pesquisa desenvolvida pela rede Global Kids Online⁵, numa iniciativa colaborativa entre UNICEF, London School of Economics and Political Science e Eu Kids Online, mostra que a privacidade é algo considerado pelas crianças que utilizam a internet e as redes e que elas inclusive, dominam algumas habilidades importantes para se proteger nas redes. Quando perguntadas, muitas crianças disseram saber o que podem ou não compartilhar online e que sabem como alterar configurações de privacidade nas mídias sociais e como remover pessoas de sua lista de contatos.

Apesar disso, as crianças ao navegar nas redes estão expostas a tropeçar em conteúdos inadequados. Uma delas por exemplo, relata que ao pesquisar cavalos, um conteúdo de seu interesse, se deparou com fotos de uma homem

⁵ Growing up in a connected world. Disponível em <https://www.unicef-irc.org/publications/pdf/GKO%20Summary%20Report.pdf>. Acesso em Junho 2020.

cortando um cavalo. Outra conta que ao entrar num perfil que achou engraçado no Instagram, acabou encontrando fotos de mulheres peladas.

Quer seja acidentalmente, quer seja intencionalmente, os riscos da navegação são reais. A mesma pesquisa realizada da UNICEF, mostra que nos diversos países pesquisados, um grande número de crianças dizem já terem sido expostas a situações que as constrangeram ou aborreceram enquanto navegávamos pelas redes sociais.

Sobre esse assunto, o Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (2017), num material feito para pais e escolas, ressalta a importância do papel educativo dos adultos.

Depois de ouvir as crianças e navegar eu mesma, por tantos lugares, descobrindo tantas possibilidades, me parece que o lugar dos adultos na rede, precisa ser o de proteção. Proteção que precisa mirar na autonomia, para que as crianças possam se autoprotger porque, como veremos a seguir, nem sempre saberemos onde estão.

CAPÍTULO 3 - ONDE VOCÊS ESTÃO?

Na segunda vez em que fui a campo, achei que melhor do que falar sobre a relação com as redes, era observar as crianças em ação. Assim, pedi que usassem seus celulares e que navegassem. "Façam aquilo que costumam. Eu vou observar vocês."

Percebo que isso gera um certo frenesi: um adulto os autorizando a fazer o que quiserem nas redes e sobretudo, um adulto genuinamente interessado no que fazem? Isso parece um tanto inédito.

Passado o alvoroço inicial, cada uma vai se dirigindo para o seu interesse.

Meninos entram num jogo de futebol que se joga em rede, alguns entram no Instagram. Meninas comentam sobre uma mulher que emagreceu muito, perguntam se podem entrar no You Tube.

Vou circulando entre eles e pergunto: "Onde vocês estão?"

3.1 O TEMPO, O ESPAÇO, OS CONTEÚDOS NAS REDES SOCIAIS

Nesse encontro tive o consentimento de todos para gravar um áudio. Quando ouço a gravação do encontro, percebo que pergunto muitas vezes "onde vocês estão?"

Revendo agora esse momento, penso no quanto foi difícil, só observar. Perguntava muito, porque não conseguia acompanhar o ritmo. Observar não parecia suficiente. Essa sensação de não conseguir acompanhar e entender me tomou em alguns outros momentos da pesquisa e mais adiante vou falar mais sobre isso.

Independente disso, a relação com o tempo e espaço, quando navegam nas redes, merece especial atenção. Quando estão navegando na internet não sabemos

onde estão e é como se fôssemos atrás delas, perguntando o tempo todo: onde você está? Como posso te alcançar? Como se chega aí nesse lugar? O que te interessa aí?

O espaço da rede não tem direção. É um tecido de possibilidades, de conexão, de links, que, no fundamental não se distinguem demasiado uns dos outros. Não há rumo. Nenhuma opção adquire preponderância absoluta sobre as restantes. Numa situação ideal, a qualquer momento se pode produzir uma mudança de direção. Nada tem caráter definitivo. Tudo está na corda bamba. Não se transita pelo espaço da rede passeando, caminhando ou marchando, mas sim surfando ou explorando. Estas formas de movimento não têm direção. Não segue caminho algum. (HAN, 2016 p. 54)

As redes sociais são portas e janelas abertas para uma variedade surpreendente de conteúdos. Observando as crianças e depois navegando pelas redes, encontrei um universo imenso e desconhecido, que vai dos pequenos esquetes, passam pelos canais de youtubers famosos (os influenciadores digitais), pelos canais das histórias bizarras e improváveis e por coisas como ASMR - Autonomous Sensory Meridian Response - Resposta Sensorial Autônoma do Meridiano). É uma categoria de vídeos em que aparecem imagens e sons que provocam a sensação de bem estar e relaxamento. São vídeos de pessoas mascando chicletes, abrindo embalagens, raspando barras de sabão. Em muitos deles, elas sussurram em microfones potentes enquanto manipulam esses objetos. Até agora há poucos estudos sobre o assunto, mas esse tipo de vídeo já tem sido usado em publicidade. Especula-se que a sensação provocada pelos vídeos de ASMR, liberem hormônios como ocitocina e remetam aos cuidados que as mães têm com os bebês.

Outra prática que venho observando entre as crianças, essa, através do meu filho, são as metas de 'likes'. As crianças gravam um vídeo qualquer e colocam uma meta de 'likes': por exemplo: se esse vídeo tiver 30 'likes', eu vou ganhar determinada coisa da minha mãe. E aí todos passam a se ajudar dando 'likes'. Na primeira vez em que ele propôs essa espécie de gincana, topei a brincadeira. Na segunda, disse a ele que se quisesse algo, iríamos conversar sobre isso e não bater

metas de 'likes'! Quanta atenção precisamos para não sermos pegos nas armadilhas do mundo virtual.

Nesse segundo encontro, me vi sedenta por entender que lugar é esse que pertence a essa geração e não nos pertence. Onde estão as chaves para acessar esse mundo, no qual transitam com tanta desenvoltura, sem precisar do adulto? Que autonomia é essa que esse mundo virtual oferece? Estão vulneráveis, mas nem sempre percebem? Ou percebem?

Uma das meninas está bloqueada pela mãe e precisa pedir licença a ela para que possa navegar. Será apenas esse o lugar do adulto?

O Instagram é muito usado. Uma das meninas diz que gosta de ver vídeos de maquiagem. Pergunto se ela faz depois e ela diz que não porque não tem maquiagem. Elas estão vendo uma menina que posta vídeos se maquiando. Ela está num hotel em Dubai. Conforme vai se maquiando vai fazendo propaganda dos "produtinhos". No meio do vídeo aparecem comerciais. Sou capturada por alguns momentos pelo vídeo. O nome da YouTuber é Mari Maria.

A questão do consumo e dos influenciadores digitais também merece atenção. Na verdade, o influenciador digital é alguém que tem como objetivo, influenciar os seguidores a consumirem determinadas marcas. Os mais diversos produtos são apresentados por "pessoas comuns", o que gera uma identificação por parte dos seguidores. Essa estratégia de marketing é algo do qual as crianças não têm como se defender. No episódio que acompanhei da YouTuber se maquiando e apresentando e promovendo seus "produtinhos", a transformação que a maquiagem opera nela é hipnotizante. Assim como o glamour do hotel onde ela se encontra. O clima da conversas dela enquanto vai se maquiando é bastante íntimo e informal, como se ela estivesse conversando com uma amiga. Tanto que mesmo sem ter acesso as maquiagens, ou seja, impedidas de fazerem o que estão assistindo, as meninas ficam completamente capturadas pelas imagens e desejam os produtos e tudo que eles prometem.

A publicidade infantil é ponto de muita atenção quando se discute a proteção e defesa dos direitos das crianças. Na série de vídeos "Infância e tecnologia em tempos de pandemia" (2020)⁶ desenvolvidos pelo Instituto Alana⁷, no episódio "De quem é a responsabilidade pelas experiências das crianças no ambiente digital?" isso é enfatizado como aspecto relevante:

Os desafios à participação ética, saudável, criativa e segura de crianças e adolescentes no ambiente digital estão ligados diretamente ao modelo de negócios em que se baseiam as plataformas, aplicativos, mídias, ferramentas e serviços de comunicação digital que é o da exploração comercial da experiência e do sequestro da atenção a qualquer custo, tanto de adultos como de crianças.

E não se trata apenas de fomentar o consumo, a questão da segurança de dados também é motivo de preocupação: "Nesse modelo, muitas empresas operam com design persuasivo e coletam e vendem dados dos usuários, monetizando suas informações com o objetivo de maximizar os lucros obtidos com publicidade e outros serviços." (2020)

Uma outra rede, que só tem vídeos, é a Kwai. Pergunto as crianças têm perfil e se postam vídeos nas redes e só uma delas diz que não sabe como fazer.

Os meninos gostam dos jogos online - gostam de assistir os vídeos de pessoas jogando. Me explicam que assistem para ganhar "habilidades e dinheiro". Citam os canais dos famosos. Pergunto se alguém tem canal, e um dos meninos diz que tem. Peço para ver o canal. Eles pesquisam, o menino diz que o primo é que está tomando conta do canal. Ele não encontra o canal. Ele diz que o próprio Youtube tira do ar se tem poucos acessos.

⁶ Infância e Tecnologia. São Paulo, Instituto Alana . Disponível em <https://alana.org.br/infancia-e-tecnologia-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em julho. 2020

⁷ Disponível em <https://alana.org.br> Acesso em julho 2020.

Meninos continuam envolvidos nos jogos. Eles não querem navegar nas redes, querem jogar e perguntam pra mim se podem jogar. Digo que façam o que costumam fazer. Percebo que as escolhas se relacionam com o gênero. Falam sobre Felipe Neto e pergunto que outras coisas costumam assistir. Assistem 'Ideias Incríveis', 'Você sabia' (coisas curiosas e coisas macabras), 'Mamute Congelado' (um homem que fala de "qualquer coisa", brincadeira). Canais com histórias "bizarras" também aparecem. Como por exemplo, "Crianças mais perigosas do mundo", que conta a história de uma família que adota uma menina de 6 anos que na verdade tem uma doença que impede o crescimento e tem 22 anos e não 6 e queria aplicar um golpe na família adotiva. Não tenho nenhuma informação sobre a fonte desse canal e se as histórias macabras são reais.

O grupo que estava jogando se aproxima de uma menina do outro grupo e eles passam a jogar junto.

Depois de um tempo, chamei as crianças para uma conversa.

"Os meninos estão num jogo e se desligarem perdem pontos. As meninas estão no meio de um vídeo e não querem parar. Comento sobre a dificuldade de soltar o celular. Pergunto sobre a dificuldade de parar. Dizem que alguns falam que *"é droga, que pode viciar"*".

Depois de um tempo, consigo que me atendam.

Pergunto por onde andaram. Foram para Youtube, Insta e Free Fire. Pergunto sobre o que tem de melhor e pior: citam subir de patente (no jogo) como uma coisa boa. Uma das meninas diz que gosta do que é engraçado, emocionante e que não gosta dos vídeos enjoativos ou que demoram muito e então ela adianta. Vários dizem que adiantam os vídeos chatos. Um dos meninos diz que nos jogos estão em um lugar e de repente são chamados para outro *"a gente tá em Guildas e de repente é chamado para Los Grandes"*. Eles falam de emoção dos jogos online, da competição, em duplas, em quatro pessoas.

Se o espaço da rede é um espaço sem direção, o tempo é também um tempo diferente. Um tempo sem intervalo, sem espera, que pode ser acelerado conforme a vontade de cada um. Daí a dificuldade em acompanhar: cada um surfa na sua onda e no seu ritmo.

Uma das crianças diz: "*O que fica enjoativo, eu adianto*". Existe uma instantaneidade ao navegar, uma aceleração que elimina o tempo de espera e os intervalos. Sobre isso, Byung-Chul Han, filósofo sul coreano, nos diz:

O tempo da rede é um tempo-agora descontínuo e pontual. Passa-se de um link para o outro de uma agora para outro. O agora não tem duração alguma. Nada há que incite alguém a deter-se durante muito tempo num ponto do agora. A multiplicidade de possibilidades e alternativas faz com que não tenhamos obrigação nem necessidade de nos demorarmos num lugar. A demora prolongada e alongada só provocaria tédio. (2016, p. 55)

Interessante destacar que o nome TikTok, vem da onomatopéia "tique taque" que imita o barulho feito por relógios, numa referência aos cliques curtos feitos no aplicativo.

Vemos então que as crianças controlam o tempo, mas paradoxalmente, são controladas nos mecanismos de pontuação e recompensas. 'Likes', são moedas de troca e ao mesmo tempo recompensa e reconhecimento. Ter muitos 'likes' significa ser popular e talvez até ganhar dinheiro.

É difícil para elas falar sobre o que é melhor e pior. Uma delas conta que o celular é usado quando você está em casa e não tem nada o que fazer. "*Ou até tem mas não tem vontade*". "*Ou vai para o Free Fire ou vai para as redes sociais*". "*O bom das redes sociais é que você pode manter contato mesmo que a pessoa esteja em outro lugar. O ruim é que você pode sofrer violência, ser hackeado.*"

Pergunto se sentem medo: uns dizem que não, porque não colocam informações. Uma das crianças diz que tem medo por causa do primo. Parece que o primo aplicava golpes e usava internet.

Um menino diz que tem medo da Deep Web. Que já entrou e viu coisas horríveis. Perguntei como ele entrou. Ele me diz que baixou um aplicativo chamado

Thor, e que entrou por curiosidade. Tinha abas com corpo humano, carro, casas. Tinha vídeos de mulher com olho chinês e dentes afiados, mulher pisando na cabeça de filhotes de cachorrinho com salto alto. Fico em dúvida se entrou sozinho, mas penso pelo relato que entrou mesmo.

Nessa altura tive que tirar os dados da internet, porque alguns ainda não tinham guardado o celular e não queriam parar. Como não tínhamos Wi-Fi, havia compartilhado os dados do meu celular. Só então conseguimos iniciar nossa conversa.

Falo sobre o próximo encontro e sobre algo que podíamos fazer para contar ao grupo que não havia participado da pesquisa, o que havíamos feito nos nossos encontros. Sugerem um vídeo, sugerem uma pesquisa para saber a rede mais usada, uma 'live'. Pergunto sobre o conteúdo. Falam sobre o perigo da internet. Peço que cada um escreva num papel o que quer falar nesse vídeo. Uma delas diz que não quer falar, que quer gravar. Combino que vamos pensar sobre o que querem falar sobre a rede. Não sinto que tenham se envolvido muito com a proposta.

Pedi permissão para adentrar nesse mundo, mas existe um código e uma atmosfera que não me pertence. Percebo o quanto são capturados e seduzidos por esse universo, quer seja atrás de patentes e pontos e, em última instância, de dinheiro e sucesso, quer seja atrás de histórias "emocionantes", bizarras, quer seja atrás do glamour dos hotéis de Dubai, ou das transformações de uma menina que se produz diante delas.

Me surpreende que queiram falar dos perigos, porque no fundo, não me parece que isso estivesse presente enquanto navegavam. E penso que isso aparece como uma resposta para mim, mas sem autenticidade.

3.2 NAVEGAR À DERIVA

Navegar é o verbo que usamos quando estamos na internet e no último encontro essa foi a proposta. Que cada um navegasse e eu iria apenas observar. A dinâmica era parecida com a do encontro anterior, mas dessa vez, queria prestar atenção ao corpo, às expressões, aos gestos. Queria entender como se lançavam nessa aventura, que sinais não verbais poderia ler enquanto estavam navegando.

As meninas trocaram figurinhas entre elas e outras trocaram mensagens por whatsapp. Elas participaram de uma brincadeira em que alguém de um grupo lançou uma pergunta e todos tinham que responder. E todos do grupo veem a resposta a não ser que a pessoa responda no privado. Riram e fizeram comentários, mas não consegui anotar.

Os meninos foram direto para o jogo. Parecia um jogo simbólico porque havia um enredo e cada um assumia um papel. Mas diferente do jogo simbólico, eles não determinavam o enredo, que estava pronto. Eles seguiram um script dado. Podia haver colaboração, mas havia sempre competição. Eles vibravam, xingavam, davam instruções, ficavam bravos, festejavam... Parecia mesmo um grande faz de conta, ou quem sabe um faz de conta de meninos grandes.

Curioso notar que há interesses bem diversos no que diz respeito ao gênero. As meninas se interessam pelo universo das blogueirinhas, com dicas de beleza, tutoriais de cabelo e maquiagem, trocam figurinhas, conversam nos grupos de whatsapp. Os meninos se voltam para os jogos online, em que competem entre si. Tanto meninas quanto meninos vão para os canais de YouTube, mas embora estejam na mesma plataforma, os interesses seguem essa lógica dos gêneros. Os meninos assistem vídeos de gamers e as meninas os tutoriais.

Foi difícil observar. Eram muitas coisas ao mesmo tempo. Como antes, sentia necessidade de saber onde estavam. Ao mesmo tempo me incomodava um pouco só olhar e percebia que eles ou me ignoravam totalmente ou se também se mostravam incomodados com meu olhar. De vez em quando paravam e olhavam

para mim, acho que esperando para ver se eu ia dizer alguma coisa. Uma das meninas se aproximou e resolveu me ensinar alguns truques do Iphone. Mas o fato é que tive a sensação de ter sido um encontro pouco produtivo.

Depois de um tempo, chamei todos de volta e numa tentativa de dar algum contorno para o que tínhamos vivido, lancei algumas questões:

Com se sentem enquanto navegam pela internet?

- *Feliz*
- *Rei*
- *Mestre*
- *Normal*

Quando, em que situações vocês mexem (curioso que usei o verbo mexer e não usar) no celular?

- *"Eu mexo no celular porque tô brava, triste ou sem fazer nada"*
- *"Mexo toda hora"*
- *"Quando quero assistir Netflix"*
- *"Pra jogar, mandar mensagem, responder mensagem"*
- *"Quando tô no tédio"*
- *"Quando não tem louça pra lavar"*

Quanto tempo por dia?

- *"5 minutos"*
- *"1 hora e meia, duas"*
- *"Na escola meia hora, em casa 3 horas e meia. Se não tem escola, o dia inteiro."*
- *"Até a bateria chegar em 20%, então coloco pra carregar"*
- *"Até zerar a bateria"*
- *"Nas férias, o dia inteiro"*
- *"Pais "regulam": Você tá muito viciado!"*

Existem regras? Quais?

- *Só pode depois que terminar tudo (tarefas domésticas, por exemplo)*
- *Cada um carrega seu próprio celular*
- *Uma menina conta que a mãe usa o Aplicativo Family Link e ela não gosta*
- *Uma menina diz que tem horário para desligar quando tem aula*
- *Não podem andar com celular na rua e essa parece ser uma regra comum a todos*

Não senti que esse encontro tenha sido muito positivo. Não consegui observar tanto quanto eu gostaria e senti que eles, embora tenham gostado, buscavam conexão comigo, quer seja me observando também, ou até, tentando me ajudar. Embora tenham ficado felizes por poder navegar, acho que tinham expectativa de interação comigo. E eu me senti navegando à deriva.

CAPÍTULO 4 - REFLEXÕES, CONCLUSÕES E NOVAS PERGUNTAS

Esses encontros trouxeram muitos elementos para minha pesquisa, e no exercício dessa escrita, isso se torna bastante evidente. Entretanto, quando terminei os três encontros previstos, e principalmente no último, me senti frustrada. Por um lado, sabia que havia uma riqueza nas observações e processos de escuta; por outro, tinha uma sensação de superficialidade e de que não tinha ido a lugar nenhum.

Gostaria de ter produzido algo com eles, queria um produto final e palpável, mas não houve tempo e principalmente, pouca adesão quando sugeri que fizéssemos algo. Não sabia se o processo vivido tinha sido de algum proveito para aquele grupo nem para a instituição e não sabia se o que tinha coletado tinha algum valor. Havia a dificuldade em acompanhar o ritmo das crianças e havia também a sensação de não ter nada conclusivo a partir dessa escuta: uma amostra pequena, com uma metodologia que não achei eficiente.

Adriana Friedmann, recorre à imagem da espiral para falar sobre essa característica dos processos de pesquisa e escuta pautadas na antropologia:

Há várias camadas a serem consideradas quando refletimos sobre a escuta. Ela não é uma abstração e sua qualidade depende do sujeito que escuta. Trata-se de uma ação complexa que podemos comparar as diversas tramas, fios, redes e conexão e interligação de um tecido. Usemos a imagem de uma espiral: em cada curva descendente passamos por diversos níveis de escuta que vão se aprofundando. Essa imagem diz respeito a essas diversas camadas que dependem do ser humano que está ali se conectando a outros a partir de histórias, personalidade e psique de cada um. (2020, p. 131)

Refletindo agora sobre meu lugar no processo de escuta, penso que a sensação de superficialidade, está relacionada ao não reconhecimento do saber das crianças. Que complexo é construir um processo de escuta respeitoso com as crianças! Para isso é preciso "parar de avaliar, classificar, criticar ou querer modelar crianças" (FRIEDMANN, 2020, p.144).

Por outro lado, considero essa pesquisa como um exercício etnográfico: houve uma entrada no campo, entrevistas informais, coleta e análise de dados. Entretanto, segundo Corsaro [tradução s/d], "a pesquisa etnográfica tipicamente envolve um trabalho prolongado no campo, onde o pesquisador tem acesso ao grupo social e conduz uma observação intensiva no ambiente natural por um período de meses ou anos".

É claro que nessa pesquisa, o recorte e abrangência estavam circunscritos, mas percebi que navegar depois nos aplicativos, era quase como entrar no "ambiente natural".

Também, considero que observá-los nos recreios e intervalos, por exemplo, poderia ter trazido elementos distintos para essa análise.

Ali, enquanto navegavam e conversavam comigo, me mostraram o que pensam, o que desperta seu interesse, como conversam e se relacionam no ambiente digital. Me apresentaram um mundo novo, que pude ver a partir da perspectiva deles. Aprendi com as crianças, reconhecendo que produzem, e não só consomem cultura. Criam uma linguagem própria e se relacionam de um modo peculiar. Quer seja nos 'likes', quer seja nos 'hates'. Aprendi com as crianças que participaram da pesquisa, aprendo com meu filho e em breve, serei eu a lhe pedir ajuda pra continuar navegando no ambiente digital. Tenho claro, que irá avançar numa velocidade que não acompanharei.

Nessa pesquisa me deparei com muitas portas, janelas, túneis e labirintos. Assim, mais do que respostas, fui encontrando outras perguntas. Percorri caminhos não lineares. Embora os encontros não tenham sido muitos, meu tempo na pesquisa, foi um tempo prolongado. Com direito e necessidade de silêncios, de espera, de avançar e retroceder, impostos pelo processo da pesquisa em si, mas também pela pandemia. Foi preciso deixar adormecer, foi preciso fazer pausas para depois retomar o percurso. Foi um tempo prolongado e suficiente para me convencer que há um universo gigante para ser explorado e compreendido para

poder encontrar não a melhor, mas as formas de conduzir da melhor maneira possível a relação entre as infâncias, as redes sociais e a tecnologia.

Adotar softwares de controle parental e controlar horários, são alguns dos recursos que os adultos podem usar, mas, ajudar as crianças na curadoria de conteúdos, e numa postura saudável, em que saibam se auto proteger parece ser o caminho necessário a percorrer. O controle sem o diálogo, não promove a aprendizagem necessária que vai permitir que transitem com mais autonomia e segurança, mesmo quando não estiverem sob o olhar dos pais. Não tenhamos a ilusão de que saber onde estão basta para que estejam bem e nem de que não irão jamais a lugares pouco recomendados. Entretanto, precisamos estar próximos deles. Para que possam voltar e para que não se percam.

No processo de escuta e escrita desse trabalho, pude perceber o quanto desconhecemos sobre o mundo das redes e ambientes digitais em que as crianças navegam e que quanto mais crescem e ganham autonomia, vai se tornando cada vez mais difícil monitorá-las. Talvez mais do que monitorar seja necessário formá-las. Para poder proteger as crianças no ambiente digital, é preciso se aproximar de seus interesses, é preciso muito diálogo e a abertura para um mundo que muitas vezes nos é estranho. É preciso também reconhecer que há vida inteligente e criativa nesses ambientes. Que se divertem, que desenvolvem senso de pertencimento, que aprendem. As ferramentas que utilizam nos ambientes digitais, tais como os jogos online, ou mesmo nos aplicativos como TikTok, podem também desenvolver habilidades de leitura, escrita, raciocínio lógico e matemático, além de trabalhar de uma forma natural com a colaboração e empatia, mas para que isso ocorra é necessária a mediação do adulto e a formação das crianças e adolescentes. As redes e mídias sociais, assim como todas as invenções humanas tem potencial de criação, muitas oportunidades e precisaremos cada vez mais reconhecer as boas situações que elas podem nos apresentar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA A. (Org.); JERUSALINSKY. J. (Org.) *et al.* **Intoxicações eletrônicas** O sujeito na era das relações virtuais. Salvador: Ágalma, 2017.

BERARDI, F.. **Depois do Futuro**. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

CORSARO, W. **Pesquisa etnográfica realizada com as crianças de Jardins de Infância nos EUA e em Itália**. Uminho, IEC, 2003.

_____. **Uma discussão geral sobre etnografia**. Tradução de Fernanda Müller. [s/d]. Disponível em <http://centrodepesquisa.acasatombada.com.br/omeka/files/original/c7db3241c-abaf8b7d8d332d5df7309a5.pdf>. Acesso em 28 de julho de 2020.

FRIEDMANN, A.. **A vez e a Voz das crianças**: escutas antropológicas e poéticas das infâncias. São Paulo: Panda Books, 2020.

_____. O olhar antropológico por dentro da infância: adentrando nas casinhas das crianças. In: MEIRELES, Renata (org.). **Território do Brincar**: diálogo com escolas. São Paulo: Instituto Alana, 2015. p. 37-45. Disponível em: [https://territoriodobrincar.com.br/wp-content/uploads/2014/02/Território do Brincar - Diálogo com Escolas-Livro.pdf](https://territoriodobrincar.com.br/wp-content/uploads/2014/02/Território_do_Brincar_-_Diálogo_com_Escolas-Livro.pdf) . Acesso em: 30 de julho de 2020.

HAN, B-C.. **O aroma do tempo**: Um ensaio filosófico sobre a Arte da Demora. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2016.

NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR (Brasil). **TIC Kids Online Brasil**: pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil. 2019. Disponível em: <https://cetic.br/pesquisa/kids-online/indicadores> Acesso em: 30 de julho de 2020.

_____. **#Internet com responsa**: cuidados e responsabilidades no uso da internet. 2017. Disponível em: <https://www.nic.br/publicacao/internet-com-responsa-cuidados-e-responsabilidades-no-uso-da-internet/>. Acesso em: 30 de julho de 2020.

SERRES, M.. **Polegarzinha**: uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

SOIFER, R. **A criança a TV**: uma visão psicanalítica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

SOUZA, L. E.. **As crianças e a etnografia: criatividade e imaginação na pesquisa de campo com crianças**. Iluminuras, Porto Alegre, v. 16, n. 38, p-140-164, jan/jul. 2015.

PESSOA, F.. **Poesia completa de Alberto Caeiro**. Edição Fernando Cabral Martins, Ricardo Zenith - São Paulo: Companhia das letras, 2005

Sites consultados:

Instituto Alana - <https://alana.org.br/>

Lunetas - <https://lunetas.com.br/>

Sociedade Brasileira de Pediatria - <https://www.sbp.com.br>

Lar das Crianças da CIP - <https://lardascricancas.org.br/>.

TIC Kids Online- <https://cetic.br/pesquisa/kids-online/indicadores>

Growing up in a connected world
www.unicef-irc.org/publications/pdf/GKO%20Summary%20Report.pdf

ANEXO - UM PEQUENO GLOSSÁRIO

A ideia de fazer um glossário surgiu no processo de escrita desse trabalho, quando já não estava mais em contato com as crianças. Conforme fui escrevendo, percebi que utilizava termos e falava de situações e contextos com os quais estava mais familiarizada, mas que não necessariamente fazem parte do repertório dos adultos. Elenquei alguns e também recorri à observação e conversas com meu filho de 11 anos, para que pudesse entender algumas expressões. Penso que se avançasse na pesquisa com esse foco, teria construído um glossário bem maior.

Mesmo com uma pequena amostragem, reuni algumas palavras e expressões, que são evidência concreta de uma cultura que vai sendo construída pelos usuários das redes e, portanto, também pelas crianças. Uma linguagem própria de quem navega pelos mares e marés das redes sociais e joga Fortnite, um dos jogos online de maior sucesso entre crianças e adolescentes.

- 1 - **Youtubers, tiktokers, instagramers**: criadores de conteúdos das plataformas Youtube, TikTok e Instagram, respectivamente.
- 2 - **Blogueirinha**: menina que tem tudo, quer mostrar tudo e quer se achar. Ficam se exibindo na rede social.
- 3 - **Nudes**: foto de pessoas peladas.
- 4 - **Hilar**: (do inglês, heal - curar) - quando um jogador "revive" o outro no jogo
- 5 - **Deitar o inimigo**: ferir e impedir o inimigo de dar tiro. Ele fica engatinhando no jogo.
- 6 - **Skin**: as roupas, as "peles" dos personagens.
- 7- **Nub**: pessoa que joga mal.
- 8 - **Vbucks**: moeda do jogo Fortnite.
- 9 - **Hatear** (do inglês, hate): fazer comentários de ódio no vídeos das pessoas, que tentam deixar a pessoa mal.

10 - **Fanfics**: ficções criadas por fãs envolvendo personagens ou pessoas famosos.

11 - **Pov** (point of view): modalidade de post em que a própria pessoa é personagem e coloca seu ponto de vista. Ela pode representar vários personagens e adotar pontos de vista diferentes.

12 - **Vlog**: espécie de blog em vídeo. Produções audiovisuais sobre algum tema ou sobre o cotidiano de alguém.

13 - **Vloguer** ou **vlogueiro**: produtor de conteúdo de vlog.

14 - **Life hacks**: canais com tutoriais de dicas e instrumentos que facilitam a vida (resoluções de problemas de forma inteligente e não óbvia).

15 - **Gameplay**: vídeos de gamers jogando.